tes culturas, particularmente em sociedades tribais africanas. O livro se compõe de diferentes capítulos que abordam a centralidade dos fluidos corporais (sangue, esperma, leite materno), essenciais para a construção simbólica do gênero em diferentes culturas, assim como do parentesco, do celibato, da fecundidade, a esterilidade e as novas tecnologias de reprodução. São vários artigos que já haviam sido publicados anteriormente. Apesar da insistência da autora tanto no capítulo inicial quanto no final sobre a universalidade da opressão feminina para todas as situações de vida das mulheres, que ela chama de **valência diferencial dos sexos**, seu texto nos permite justamente visualizar o contrário. Ou seja, que pela riqueza com a qual diferentes grupos humanos simbolizam a diferença sexual é possível pensar na diversidade de experiências sociais de relações homem/mulher e não exclusivamente em relações de dominação quando se tratam dessas relações nos espaços do privado e da família. É claro que sua teoria da valência diferencial dos sexos continua sendo central para a análise das relações entre homens e mulheres que se estabelecem no campo das relações políticas mais globais, nas quais estão incluídas as relações estruturais de parentesco.

Me parece particularmente instigante a reflexão que Héritier faz do significado do sangue e do esperma em diferentes culturas para pensar, como ela já propôs em outro lugar[7], sobre as insolúveis dificuldades da prevenção da AIDS, uma vez que é uma doença que se transmite principalmente por estes dois líquidos simbolicamente estruturantes das relações sociais. Sua reflexão sobre a problemática da reprodução também nos aponta para a universalidade da culpa da mulher quando não há reprodução, mostrando que mesmo com a descoberta da esterilidade masculina e com as novas tecnologias de reprodução ainda é um tabu designar um homem infértil.

Uma outra interessante questão teórica abordada pela autora diz respeito às teorias da alteridade em diferentes culturas, centradas na dicotomia igual/diferente. Ao pensar na questão do valor **igual** para as sociedades ocidentais, ela formula a hipótese de que são sociedades que temem o **acúmulo de iguais**. Esta hipótese nos faz pensar nas representações negativas que temos no Ocidente das relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo, e das diferentes teorias que foram construídas em torno da homossexualidade como "perversão", "doença" ou "desvio" ao longo da modernização ocidental.

Nestes três livros Françoise Héritier desenvolve uma visão estruturalista que parte do ponto de vista feminista sobre a problemática da diferença sexual. Dos três, creio que é em *Les Deux Soeurs et Leur Mère* que sua teoria está mais claramente formulada. No entanto, é *Masculin/Feminin* que me parece o livro indispensável para o campo de estudos de gênero, pois é nele que a autora aborda com mais exemplos retirados de seu vasto conhecimento etnográfico de como se dá a valência diferencial dos sexos. Não me parece que seja por acaso que este livro tenha se tornado referência básica no campo de pesquisas sobre gênero na França, servindo a pesquisadoras das mais variadas disciplinas. Espero, sinceramente, que o livro seja traduzido em breve, trazendo um contraponto às inúmeras traduções feitas nos últimos anos de autoras pós-estruturalistas norte-americanas, que criticam o estruturalismo francês sem o conhecerem verdadeiramente, particularmente na sua versão feminista.

MIRIAM PILLAR GROSSI ■

[7] Ver a este respeito entrevista com Françoise Héritier, *Boletim da Associação Brasileira de Antropologia*, março de 1992.

A tradição ou a felicidade?

Sonhos de Transgressão.

MERNISSI, Fatima.

São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1994.

Sonhos de Transgressão, de Fatima Mernissi, conta a história de uma menina em um harém no Marrocos, durante a ocupação francesa na década de 40. A autora é a própria protagonista do livro, uma mistura de autobiografia e conto inspirado num dos mais famosos livros de história, *As Mil e uma Noites*.

Sua história começa na pequena cidade de Fez, onde nasceu, em um Marrocos dividido ao meio entre franceses e espanhóis. "Os soldados de Madri", como os nativos os chamavam, ocupavam o norte do Marrocos, e os franceses, o sul. A cidade de Fez era então território francês, e é lá que se passa a história de Fatima. Uma história sobre fronteiras visíveis e invisíveis. Uma história sobre homens e mulheres e suas diferenças.

As diferenças culturais e religiosas entre nativos árabes e colonizadores franceses eram plenas. Tão grande que a cidade praticamente se dividiu em duas: a cidade antiga, onde moravam os árabes e a Ville Nouvelle, construída pelos franceses. As fronteiras eram também religiosas. Os franceses rezavam nas suas igrejas e cultuavam o seu Deus católico, e os árabes nas suas mesquitas rogavam a Alá, o Deus muçulmano.

Mas, se naquela época as diferenças religiosas segregavam os povos e suas culturas, nem sempre havia sido assim, como nos conta a própria Mernissi. No princípio dos tempos, judeus e árabes viveram juntos e em harmonia. O fato de ambos os povos terem sido expulsos da Espanha por obra da Inquisição, em 1492, parece ter criado um vínculo cultural e histórico entre estes povos, que conviveram no Marrocos pacificamente.

Mas agora era diferente. Na "Terra da Neve", os "allemane" perseguiam judeus e franceses. Era a Segunda Guerra Mundial, que os árabes acompanhavam pelo rádio e procuravam entender com as ferramentas de que dispunham. Principalmente aos olhos de uma menina curiosa, esse era o pano de fundo. A história que se desenrolaria revelaria os enormes contrastes existentes entre duas culturas. A do dominado e a do dominador.

O relato da jovem Mernissi nos fala do mundo das mulheres muçulmanas e de seus sonhos de libertação. As mulheres naquela época no Marrocos não podiam sair às ruas e eram obrigadas a usar um véu para esconder o rosto. Ela nos conta que essa proibição data da época em que os homens caçavam as mulheres para os seus haréns. O homem que conseguisse mais mulheres era nomeado Sultão. Daí nasceu o chamado harém imperial, que floresceu com as conquistas territoriais e com as dinastias muçulmanas. A partir de 1909, com a deposição do último sultão pelos ocidentais, e a ocupação de seus territórios pelos colonizadores, esta forma de harém entrou em declínio, surgindo então o harém doméstico.

O harém doméstico era muito diferente do imperial. Nele, habitavam famílias extensas com casais monogâmicos, mas também com a tradição de isolar as mulheres do convívio mundano. Segundo a autora, o harém doméstico não tinha uma dimensão erótica: "O que definia bem este tipo de harém não era a poligamia mas o desejo dos homens de isolar as mulheres e o seu propósito de manter uma família extensa ao invés de fragmentá-la em unidade nucleares".

Mas mesmo dentro dessa categoria de harém doméstico havia diferenças: o harém da cidade e o harém do campo. No harém da avó Yamina, a avó materna de Fatima, tudo era diferente. Ela morava numa linda fazenda com animais, campos floridos, a cem quilômetros de Fez. As fronteiras não eram tão definidas porque não havia portões fechados. No entanto, a fazenda ficava totalmente isolada, de modo que não se tinha mesmo do que ter medo. As mulheres podiam correr soltas, andar a cavalo, tomar banho de rio, sem o perigo de serem vistas pelos homens. E se por acaso algum empregado da fazenda encontrasse com alguma das mulheres, ele tinha que abaixar a cabeça e seguir o seu caminho.

Mas, o que era exatamente um harém?, a pequena Fatima se perguntava... Se sua avó podia pescar, andar livre pelos campos e sua mãe não podia sequer pôr os pés fora do portão. A menina descobriu que, para as mulheres, harém era uma palavra que gerava discussões acirradas. Para umas era uma coisa boa, porque preservava as tradições. Para outras um atraso, porque escravizava as mulheres. As tradicionais achavam que se as mulheres fossem às ruas, os homens parariam de trabalhar e iam querer se divertir. A sociedade não avançaria e nenhum trabalho seria feito. As progressistas citavam os franceses: "Eles não aprisionam suas mulheres por trás de muros. Eles deixam que circulem livres pelo mercado local, todos se divertem, e nem por isso o trabalho deixa de ser feito. Na verdade, o trabalho rende tanto que lhes permite equipar exércitos poderosos e vir para cá atirar na gente". Mas as tradicionais respondiam que os tempos eram difíceis, que o país estava ocupado e a cultura árabe ameaçada. O harém era o que sobrava para preservar a tradição. Diante do que rapidamente as outras respondiam: "A tradição ou a felicidade, o que é mais importante?" A discussão prosseguia até não ter fim. Mesmo assim, elas conviviam entre si; sonhando, brigando, e se ocupando dos afazeres domésticos.

Mas o que era a felicidade para estas mulheres que viviam trancafiadas? A felicidade era a capacidade de sonhar. E sonhar era esca-

par do real. Fazer desaparecer as fronteiras. Para isso elas faziam teatro, contavam histórias, dançavam, ouviam rádio, faziam magia, estudavam astrologia, ficavam olhando o céu do terraço, meditavam, inventavam toda sorte de coisas para fazer. Através de atividades diárias como cozinhar, costurar, preparar seus próprios produtos de beleza, as mulheres árabes exerciam o seu poder e revelavam através dele a sua enorme riqueza. As mulheres eram poderosas. Elas sabiam disso. Por isso, os homens as temiam. Eles temiam ceder ao poder do seu encanto e beleza.

Apesar de poderosas dentro de casa, a maioria das mulheres no Marrocos era analfabeta. A segregação levou-as à ignorância e à falta de instrução. Mas isto começou a mudar com o movimento nacionalista. Eles estavam lutando contra os franceses e espanhóis e prometiam criar um novo Marrocos com igualdade para todos. Isso acabou acontecendo em 1956 quando o país tornou-se uma monarquia independente. Quando aconteceu, a menina Mernissi já era uma moça de dezesseis anos. Sua infância tinha ficado para trás e com ela a sua história.

Fatima Mernissi se tornou uma das mais ardentes defensoras dos direitos da mulher muçulmana. É considerada hoje a mais interessante intelectual árabe publicada nas línguas européias. Feminista e socióloga, vem travando uma luta para divulgar outras autoras mulheres, ainda desconhecidas da grande maioria do público europeu. Ao contrário de suas avós e de sua mãe, ela se tornou uma mulher livre e respeitada no mundo todo. Hoje ela vive no Marrocos, onde leciona na Universidade Mohammed V, depois de um período na França e nos Estados Unidos, onde completou seus estudos. Sua obra mais conhecida, *The Veil and the Male Elite*, foi proibida em vários países do mundo árabe. Ao descrever o final trágico da vida da princesa Asmahan do Líbano, ela parecia saber o que esperar: "A mulher árabe não pode buscar o prazer sensual, o divertimento frívolo, a felicidade, e depois não sofrer nada".

DULCE QUENTAL ■

Trocadilho infame

Estupro: crime ou "cortesia" - abordagem sociojurídica de gênero.

PIMENTEL, Silvia; SCHRITZMEYER, Ana Lúcia P. e PANDJIARJIAN, Valéria.

Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, Coleção perspectivas jurídicas da mulher, 1998, 288 p.

O livro *Estupro: crime ou "cortesia"* destaca-se não apenas pelo ineditismo da tema, mas sobretudo pelo enfoque adotado por suas autoras. Silvia Pimentel, Ana Lúcia P. Schritzmeyer e Valéria Pandjiarjian reúnem as qualidades de brilhantes professoras em Direito, ousadas pesquisadoras e comprometidas militantes do movimento feminista. Assumem desde o início da obra a perspectiva pela qual desenvolverão a análise crítica de decisões judiciais em casos de estupro - trata-se da perspectiva sóciojurídica de gênero. A cada página do livro vislumbra-se esta relação franca entre as autoras, enquanto sujeitos do conhecimento, e o objeto a ser pesquisado. A franqueza da relação criadoras/criatura, por si só, propicia a excelência da obra.

A investigação, como reconhecem as autoras no início da obra, foi suscitada quando um aluno, perplexo, encaminhou à professora Silvia Pimentel uma decisão judicial acerca do crime de estupro, que mencionava parecer do Ministério Público entendendo que no caso o réu, Fernando Cortez, acusado da prática de estupro, nada mais fez à vítima que uma "cortesia". De acordo com a manifestação do Ministério Público: "Será justo, então, o réu Fernando Cortez, primário, trabalhador, sofrer pena enorme e ter a vida estragada por causa de um fato sem conseqüências, oriundo de uma falsa virgem? Afinal de contas, esta vítima, amorosa com outros rapazes, vai continuar a sê-lo. Com Cortez, assediou-o até se entregar (fls.) e o que, em retribuição lhe fez Cortez, uma cortesia." Estarrecedora, esta argumentação judicial consagra uma interpretação discriminatória com relação à mulher, que tem seu comportamento vigiado e controlado sob uma avaliação moral